

"Adolescência": a dimensão da educação midiática e digital

Ana Amélia Erthal

Professora, jornalista e psicanalista. Mestrado e Doutorado na UERJ. Pos-DOC ECA-USP. Pesquisadora Pos-doc da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). ID Lattes: 8065413048129917. E-mail: anaerthal@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4102-9673>.

José Brito

Professor, jornalista e publicitário. Mestrado pela Escola de Ciências Sociais da Faculdade Getúlio Vargas. E-mail: brito@pupaedu.digital. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8965-869X>.

Resumo: Este artigo analisa a série Adolescência sob a perspectiva da educação midiática e informacional, explorando discursos socioculturais vivenciados por adolescentes hiperconectados. A obra evidencia lacunas na escuta entre gerações e na leitura de códigos digitais incompreensíveis por adultos e instituições educacionais. Por meio da metodologia da Análise do Discurso, destacam-se núcleos narrativos interdiscursivos que ilustram relações, subjetividades e vivências escolares relacionadas à cultura digital. O artigo defende a urgência de políticas públicas digitais e de práticas de letramento educacional voltadas ao acesso e participação crítica em plataformas digitais.

Palavras-chave: educação midiática; juventude digital; análise do discurso; redes sociais; saúde mental.

Abstract: This article analyzes the Netflix series Adolescence through the perspective of media and information literacy, discourse analysis, and the sociocultural dynamics experienced by hyperconnected adolescents. Using the Discourse Analysis methodology, the article identifies narrative interdiscursive cores that illustrate how the digital environment has shaped relations, subjectivities, and school experiences in connection with digital culture. The article advocates for urgent digital public policies and educational literacy practices that promote access, critical participation, and media production across digital platforms.

Keywords: media literacy; digital youth; discourse analysis; social media; mental health.

Recebido: 02/06/2025

Aprovado: 05/11/2025

1. INTRODUÇÃO

A imaginação alinha a realidade. Com frequência, encontramos no imaginário das narrativas fragmentos potencializados da realidade, sobretudo, as que abordam a cultura digital. É o caso de “Adolescência”, série produzida pela *Warp Films, Matriarch Productions e Plan B Entertainment* para a Netflix e que ocupou o topo dos índices de audiência em seu lançamento, em março de 2025. A trama aborda temas como a experiência da sexualidade, a mediação dos usos do digital, os perigos do *cyberbullying*, as toxicidades do ambiente escolar, a pressão por desempenho, o tabu do movimento masculinista, a romantização da paternidade e maternidade, e os perigos da vitimização e do sentimentalismo tóxico.

Para Coutinho (2009, p. 12), “os adolescentes expressam e representam bastante fielmente o mundo em que vivem”, ou seja, espelham um mundo multicriado pelas ferramentas digitais, em que prevalecem inseguranças e incertezas; os conceitos perderam suas definições mais rígidas; o hedonismo individual importa mais do que o equilíbrio social; e as relações são completamente atravessadas pela cultura digital e capital.

Esse período específico da vida humana acaba por refletir ideias de privacidade, singularidade, liberdade, autonomia, características e habilidades únicas, autonomia, responsabilidade e autenticidade, onde a contestação dos valores instituídos é dramatizada pelos adolescentes cotidianamente. Para Twenge (2018) e Haidt (2024), os adolescentes de hoje são mais complacentes, tolerantes, vulneráveis mentalmente, isolados, inseguros, suscetíveis à desinformação e mais manipuláveis do que as gerações anteriores. Como representação do mundo em que vivem, os adolescentes teriam passado de uma infância baseada no brincar para uma infância baseada no celular (Haidt, 2024), onde os pais adotaram posturas protetivas contra os perigos do mundo — sequestradores, maníacos, pedófilos, abusadores e predadores sexuais, sendo ignorados os perigos que a rede poderia causar, tanto pelo conteúdo quanto pela estética aditiva.

O celular é uma extensão do corpo, da memória e da vida de adolescentes, bem como de muitos adultos alienados; é o último objeto a ser visto antes de dormir e o primeiro ao acordar. “Eles falavam sobre seus celulares da mesma forma que um viciado fala sobre o crack” (Twenge, 2018, p. 67). A tela do celular irradia a maior quantidade de unidades de luz (candela) possível em um aparelho, atraiendo o olhar como mariposas para a luz (Balbani; Krawczyk, 2011; Sociedade Brasileira de Metrologia, 2019)¹. Envolve os sentidos simultaneamente “em um sistema de alta velocidade que oferece respostas e recompensas — ‘reforços positivos’ em termos psicológicos — que encorajam a repetição de ações tanto físicas como mentais” (Carr, 2011, p. 163). O desenvolvimento de sistemas fundamentados na experiência do usuário considera técnicas de engajamento a partir de gatilhos mentais (Eyal, 2020) disparados no ‘*nucleus accumbens*’ (NAcc) — estrutura cerebral do sistema límbico considerada “o centro do prazer” (Lindstrom, 2008).

¹ Sobre os impactos e efeitos biológicos dos campos eletromagnéticos, detalhes da absorção da energia dos campos de micro-ondas, efeitos da exposição e impacto do uso dos telefones celulares no sistema nervoso central. A candela (do latim *vela*) é a unidade de medida básica do Sistema Internacional de Unidades para a intensidade luminosa.

Conectar o campo da Educação com o campo da Comunicação e suas Mídias é um desafio complexo. Infelizmente, apesar dos esforços empreendidos desde os anos 1980, a questão da Educação Midiática avança a passos lentos e ainda não contamos com uma educação para recepção ativa e crítica das mensagens midiáticas (Soares, 2014). Seguir essa corrente significa implementar no currículo escolar a valorização das mídias e sua análise como procedimento metodológico, considerando todas as formas de comunicação como objeto de discussões, desde a interpessoal, familiar e escolar até a midiática massiva (Soares, 2014). Para passarem pelo funil do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), as escolas optam pelo conteudismo, pela performance em simulados, pelas aulas magistrais e andamento monofônico — discutem sim, os temas emergentes sobre as tecnologias midiáticas digitais, mas não educam para a criticidade nem para a compreensão da manipulação, da informação e da desinformação, da imparcialidade, da retórica e da condição persuasiva das mídias (Citelli, 2019).

Em termos psicológicos e biológicos, nos entregamos sem resistência aos mecanismos mágicos das tecnologias digitais, acreditando serem propostas de progresso e evolução. Este artigo pretende contribuir para o debate sobre educação digital e midiática apresentando uma análise do discurso da série *"Adolescência"*, utilizando núcleos de sentido que permitem um aprofundamento sobre pontos sensíveis da narrativa. O objetivo é demonstrar que, apesar de ser relacionado como uma excelente ferramenta para educação, o digital vem se tornando um ambiente perigoso e tóxico, sendo necessário aprender — uma forma de letramento midiático, inserido na grade curricular das escolas e capaz de debater os efeitos das mídias, e os discursos que nela circulam — e reconhecer seus códigos para manter-se imune aos riscos que pode oferecer. Para sistematizar essa análise, utilizaremos as propostas metodológicas de Charaudeau e Maingueneau (2020), de Baccega (2015) e de Orlandi (1999) sobre Análise do Discurso.

2. A SÉRIE “ADOLESCÊNCIA”

Criada por Jack Thorne e Stephen Graham, a série de drama policial psicológico foi dirigida por Philip Baratini e tem como personagem central um estudante de 13 anos, Jamie Miller (Owen Cooper). A narrativa começa em uma cidade da Inglaterra, em que policiais armados invadem a casa e detém Jamie, sob suspeita do assassinato da colega Katie Leonard (Emilia Holliday). Ele é mantido em uma delegacia de polícia para interrogatório e, posteriormente, sob custódia em um centro socioeducativo. Investigações na escola revelam um ambiente de insegurança psicológica. Evidências nos posts e comentários nos perfis de Jamie, Katie e colegas, precisam ser decifradas pelos policiais, que não compreendem os códigos utilizados. A vergonha e a consternação de Jamie são confirmadas nas entrevistas com o psicólogo forense em que fica clara a intimidação crônica sofrida com a campanha de *cyberbullying* iniciada por Katie,

sendo rotulado como incel². Para os meninos, o mundo digital é um refúgio em que encontram liberdade e os limites podem ser ultrapassados, promovendo experiências de choque. O mal-estar masculino é um desafio estrutural e retrata meninos colapsando nas escolas, homens perdendo espaço no mercado de trabalho, pais perdendo conexão com seus filhos, um sistema econômico que não valoriza a força física, o encurtamento do brincar, a supervisão exagerada dos pais, o impacto do universo digital — dos jogos *online* e das redes — na interação social dos meninos.

No primeiro episódio, posts de Katie são expostos pelos inspetores Luke Bascombe (Ashley Walters) e Misha Frank (Faye Marsay) durante o interrogatório, mas quem vai elucidar a dinâmica do perfil da garota é Adam (Amari Bacchus), filho de Bascombe, durante a visita à escola no segundo episódio. A narrativa não se aprofunda no comportamento de Katie, porém não se podem descartar as pressões do mundo virtual sobre as meninas. Elas “passam mais tempo nas redes e as plataformas que acessam são as piores para a saúde mental” (Haidt, 2024, p. 178) porque preferem plataformas orientadas para o visual como TikTok, Instagram, Snapchat e são mais suscetíveis à comparação visual social — já que essas redes oferecem um conjunto de ferramentas de ajuste (filtros) que editam a pele, tamanho dos olhos e nariz, volume dos lábios etc., possibilitando a correção para uma apresentação “perfeita”. O padrão de beleza feminino é um tabu, por mais que a mídia venha inserindo corpos fora do socialmente prescrito. As redes sociais permitiram uma construção de si — de modo consciente —, dando às garotas a possibilidade de se auto representarem em uma narrativa que gera interesse, curiosidade e inveja (Musse, 2017). Apesar de estarem socializando virtualmente, não estão imunes ao sentimento de solidão e angústia: fotografias são indícios de uma verdade construída — felicidade, riqueza, bem-estar, amizades e influência — que modulam sentimentos. Elas precisam se reafirmar a cada postagem e comentário, o que pode consumir sua energia psíquica e conduzir a ansiedade, anorexia, depressão e automutilação.

² Cunhado nos anos 1990, “incel” é uma abreviação de “celibatários involuntários” (do inglês involuntary celibates): quem se descreve como incapaz de ter relacionamentos ou vida sexual, embora deseje estar em uma relação. O termo se popularizou a partir do blog Alana’s Involuntary Celibacy Project, com conteúdo de apoio a pessoas que se sentiam rejeitadas ou solitárias. A partir dele surgiram manifestos em fóruns utilizados por adolescentes (Reddit e 4chan), em que “incels” responsabilizavam mulheres por seu fracasso sexual, considerando que elas manipulam os relacionamentos como uma forma de capital. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy-4l5np5qe8o>. Acesso em: 24 nov. 2025.

O segundo episódio inicia-se com o inspetor enviando uma mensagem para o filho, Adam, avisando que vai entrar em sua sala, mas que não pretendia incomodá-lo. Compartilhar a sala de aula com os pais pode ser embaraçoso e, sendo filho de um policial, a incerteza pode ser maior, o que se confirma quando os inspetores entram na sala: o professor apresenta Bascombe como pai de Adam e imediatamente um estudante imita um porco — forma pejorativa de referir-se aos policiais na Inglaterra. Enquanto caminham pelo pátio, corredores e salas de aula, não há nada que torne a escola especial ou diferenciada: mesmos avisos, placas de segurança, armários, as cores estampadas nos uniformes, salas com mobiliário funcional, fileiras industriais de carteiras, o professor ao quadro, a quadra esportiva gradeada, espaços amplos de convivência e a cantina. A atmosfera do digital — com sua codificação indecifrável — poderia representar o oposto à escola: a obrigação, o confinamento controlado, a impossibilidade de autoexpressão, a sujeição às regras, a ausência da escuta e do entendimento mútuo poderiam ser elementos para a ausência de confiança

na instituição. Desse modo, a liberdade de expressão — exercida sem noção alguma de recepção ativa e crítica das mensagens midiáticas — manifesta-se sob o código que os adolescentes determinam em suas interações; não há limites no digital, a despeito do controle das *bigtechs*.

O terceiro episódio se passa sete meses depois do crime. Jamie está sob custódia e recebe a visita da psicóloga. Em seu papel de escuta ativa, em “tentar entender como Jamie entende”, a psicóloga Briony Ariston (Erin Doherty) parece ter se dedicado a conhecer a manoesfera e os efeitos desses discursos; ela estuda os códigos digitais interativos dos adolescentes. Briony demonstra uma abordagem empática — porém contida —, equilibrando a escuta clínica e os limites institucionais do ambiente de custódia. Sua tentativa de colocar Jamie em contato com seus sentimentos por meio de perguntas abertas e observação do discurso não-verbal indicam uma postura psicanalítica clássica; insiste em temas que envolvem a influência tóxica da masculinidade e que colocam Jamie em confronto com o conteúdo recalcado. A intensidade da resistência do garoto fica evidente quando ele usa os argumentos apresentados nas redes da manoesfera para tentar impor uma autoridade ensaiada, irônica, calculada, mas que se revela fragilizada e vulnerável diante da psicóloga. Esse momento pode ser interpretado como um *acting out* — uma passagem ao ato que visa a descarga de uma tensão psíquica insuportável. Ao atacar simbolicamente ou verbalmente a figura da psicóloga, ele tenta expulsar algo que lhe é insuportável — possivelmente culpa, dor ou medo. Emocionalmente despedaçado, Jamie faz uma tentativa desesperada de manter o controle e não consegue, tornando-se agressivo. De acordo com Freud (2010, p. 199), Jamie estaria repetindo a lembrança como um ato: “é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete naturalmente sem saber o que faz”. Jamie repete que não “fez nada errado” contra Katie, mas é irascível e violento na presença de Briony.

O quarto episódio expressa o desespero. Treze meses depois do crime, o foco se desloca para a vida em família: pai (Eddie Miller/ Stephen Grahame), mãe (Manda Miller/Christine Tremarco) e irmã (Lisa Miller/Amelie Pease) tentando levar um cotidiano normal, enquanto se deparam com a comunidade que vigia e acusa. Não sabem como celebrar o aniversário do pai quando percebem uma pixação no carro: “*Nonse*” — *pervertido*, em tradução livre — é a palavra que desestabiliza a família. Eddie apressa-se em limpar a tinta sem sucesso. No caminho em busca de uma solução que remova a tinta (plano-sequência), os pais contam como se conheceram, que músicas ouviam, como era a abordagem para um relacionamento, como eram as amizades e a ideia de *bullying* no seu tempo. É um discurso marcado por negação, projeção e racionalização — mecanismos psíquicos de defesa típicos. Esses enunciados revelam uma tentativa de deslocar a causalidade para fora do ambiente familiar, atribuindo a culpa à tecnologia, à escola, ao mundo e ao outro; ao fazer isso, os pais tentam preservar a própria autoimagem. Na loja, Eddie é reconhecido e abordado pelo vendedor. Depois,

investe sua força contra os meninos que teriam pintado sua van. No retorno para casa, recebem a ligação de Jaime do centro de custódia que diz que vai mudar o depoimento e assumir a responsabilidade pelo crime. A dinâmica da família é mudar de assunto e eles evitam falar do crime, o que parece ter evitado o ano todo. O discurso silenciado na série representa de modo consistente como o indivíduo é moldado por estruturas — discursos — ideológicas subjacentes e como é posicionado dentro dessa estrutura. Tanto adultos quanto adolescentes são incapazes de compreender e interpretar corretamente — sem contradições ou subentendidos — os códigos das mídias que afetam os envolvidos na série.

3. ANÁLISE DE DISCURSO (AD)

Para Maingueneau e Charaudeau (2020, p. 61), discurso “não pode ser confinado nos limites de um texto, de uma obra, de uma ciência, ou mesmo de um domínio circunscrito de objetos”. O objetivo da AD é entender como a linguagem é usada para criar significado e moldar a realidade social. O discurso não opera sobre a realidade, mas sobre outros discursos e resulta da influência de correntes pragmáticas a partir das ideias-força: a) discurso supõe uma organização transfrástica; b) é orientado; c) é uma forma de ação; d) é interativo; e) é contextualizado; f) é assumido; g) é regido por normas; e h) é assumido em um interdiscurso (Maingueneau; Charaudeau, 2020). Utilizando a AD, — o *corpus* a qual pretende-se analisar — pode ser estudado por mais de um viés, uma vez que a metodologia não limita-se a uma leitura superficial, mas a uma análise profunda e interpretativa, que explora elementos como as posições do sujeito, os recursos discursivos, os discursos dominantes, vozes excluídas, silêncio e ênfase, reações entre linguagem e contexto, contradições e inconsistências, e tons de discurso produzidos em determinado contexto.

Para Baccega (2015, p. 120), o sujeito é interpelado, oprimido e libertado pelo discurso, sendo este capaz de modelar comportamentos: “O discurso não é estritamente só isto ou aquilo. Pode-se dizer que ele é predominantemente algo, mas não que ele tem só um aspecto. Daí a luta para a constituição dos sentidos”. O sentido seria atribuído na forma social da narrativa, “se não houver narrativa, a palavra não terá sentido” (Baccega, 2015, p. 120), ou seja, o sentido da palavra é o sentido da sociedade.

As questões do cotidiano globalizado em rede foram colocadas na narrativa de modo que a realidade da família retratada se aproxima de qualquer outra família. A narrativa expõe a crise na escola e nos relacionamentos interpessoais; a mediação das relações pelas redes digitais; o abismo nos relacionamentos entre pais e filhos; a cultura de algoritmos; a temeridade do *bullying online*; as linguagens inacessíveis para determinados grupos; e as mudanças de comportamento da geração que cresceu em paralelo com o desenvolvimento das tecnologias digitais. O universo ficcional é impregnado de valores, problemas e vivências

da realidade: como escrevemos na primeira sentença — a imaginação alinha a realidade.

Utilizando as categorias analíticas de análise de padrões e relacionamentos — seguindo a formação discursiva e o interdiscurso da AD —, detalharemos três núcleos de sentido nas cenas que evidenciam a carga de desconhecimento sobre os códigos em rede: 1) Discurso Dominante; 2) Interdiscurso; e 3) Assuntos Silenciados.

3.1 Discurso dominante

O discurso dominante na série refere-se ao machismo e à misoginia difundidos nas redes sociais em códigos específicos, como ideologias motivadoras do crime. A ideia de que o homem prevalece sobre a mulher, física e intelectualmente, está implicada nos embates travados por Jamie e Katie no Instagram. Haidt defende que, para os meninos, o mundo digital é um refúgio em que encontram liberdade total e os limites podem ser ultrapassados, promovendo experiências de choque (Haidt, 2024). Outros autores também abordam a questão do mal-estar masculino, como Richard Reeves (*Of Boys and Men*), Hanna Rosin (*The end of Man*), Andrew Yarrow (*Man out*), Kay Hymowitz (*Manning Up*), Philip Zimbardo e Nikita Coulombe (*Man, Interrupted*), e Warren Farrel e John Gray (*The Boy Crisis*). Eles falam dos meninos colapsando nas escolas, homens perdendo espaço no mercado de trabalho, pais perdendo conexão com seus filhos, um sistema econômico que não valoriza a força física, o encurtamento do brincar, a supervisão exagerada dos pais, o impacto do universo digital de jogos online e redes na interação social dos meninos. São desafios estruturais da sociedade que vem causando declínio na saúde mental dos adolescentes.

Jamie estava sendo atacado no Instagram — em uma campanha de *cyberbullying* iniciada por Katie — sendo chamado de feio e rotulado como incel. As redes sociais foram a mola propulsora para o movimento dos incels. Atualmente, os fóruns constituem o que se chamou de machosfera/manosfera, um termo genérico para comunidades misóginas sobrepostas, em que são expostas as frustrações que envolvem tanto as mulheres quanto a incapacidade de suportar a rejeição e a segurança dos homens que mantém relações. No geral, os depoimentos demonstram ressentimento e incitam a violência. Katie usava emojis para indicar que Jamie seria incel, mas apenas os adolescentes reconheceram esse código. Ou seja, existe uma semântica da gramática digital que reforça o discurso machista e misógino e que é ilegível e incompreensível para os adultos da narrativa.

Quem decodifica a comunicação nas redes é o filho do inspetor, Adam, que estudava na mesma escola que Jamie e Katie. Adam mostra os posts de Jamie para Bascombe e conclui que o pai deve achar que “ela está sendo legal com Jamie”, mas explica que o comprimido vermelho significa que Jamie é virgem e vai ser para sempre. Ele diz:

– O comprimido vermelho é tipo “eu vejo a verdade”. É um chamado à ação da manosfera.

– Ela está dizendo que ele sempre vai ser. Você vai ser virgem para sempre... basicamente... e todos aqueles que colocaram coração estão concordando com ela.

– Posso te mostrar outras 15 mensagens enviadas para o Jamie... emojis diferentes dizendo a mesma coisa (Adolescência, 2025).

Emojis não seriam apenas representações de estados de comportamento ou reações às mensagens em texto, áudio e vídeo; eles teriam constituído uma linguagem entrelaçada com relações ideológicas de poder que molda estruturas em que as pessoas se posicionam. Esses códigos semânticos são desconhecidos porque ficam restritos a determinados grupos ou porque existem contradições e inconsistências sobre o conjunto de significados. Entre os adultos da série, apenas a psicóloga confrontou o código com Jamie. Ela mostra as postagens e interpela Jamie sobre o significado dos emojis de feijões (*kidney beans*), ao que Jamie responde:

- Ela está fingindo que eu faço parte dessas comunidades.
- As que dizem que as mulheres não estão nem aí para os homens.
- Sei por que todo mundo ficava falando disso. Essa coisa de incel, eu dei uma olhada, mas não gostei (Adolescência, 2025).

Ele conta que não fazia parte das comunidades e que se aproximou de Katie depois que fotos nuas dela circularam pela rede; queria ajudá-la a superar o vexame. Depois, ela teria entrado no perfil dele e usado os emojis do código incel: a) pílula vermelha – símbolo da verdade por trás da dinâmica dos gêneros; b) dinamite – significa que é a pílula vermelha explodido e que aquela pessoa é incel; c) emoji 100 – representa a regra 80-20 e indica que aquela pessoa é incel; d) feijões – para quem se identifica como incel ou quer indicar um incel. Esses emojis reforçam os estereótipos, principalmente em redes como 4Chan e Reddit. Fica claro que Katie e Jamie estavam sendo intimidados: ela com o vazamento de fotos nuas no Snapchat; ele com os comentários públicos e curtidas no Instagram. Os perfis nas redes sociais são construídos como espaços de identidade idealizada, exibindo uma intimidade inventada e o fracasso em manter essa identidade — quando exposta, cancelada ou ignorada — gera crises subjetivas profundas. O discurso é marcado por códigos da manosfera e da percepção distorcida de sexo e relacionamentos; é um ambiente em que o machismo, a misoginia e a violência são alimentados pela influência disruptiva das mídias sociais digitais disponíveis na palma das mãos dos jovens, nos smartphones.

3.2 Interdiscurso

“Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos” (Charaudeau; Maingueneau, 2020, p. 286), logo, interdiscurso é um conjunto estruturado das formações

discursivas que se relacionam uns com os outros e que nos auxilia a interpretar de forma contextualizada. Considerando a ancoragem social do discurso na narrativa da série, elencam-se os seguintes discursos que se atravessam e complementam: a) o da adolescência; b) das relações interpessoais; c) da escola como formadora de indivíduos; e d) dos usos e apropriações das mídias digitais.

A representação da adolescência passa por um conjunto de elementos materiais e sociais que determinam o comportamento adolescente. Forjada no laço social, a adolescência como conceito só se consolidou a partir do século XX e sua construção social foi um processo histórico: na Antiguidade, o jovem era de responsabilidade do Estado; na Idade Média, era de responsabilidade da Igreja; a partir do Renascimento, houve uma diferenciação maior entre a criança e o adulto — e a industrialização modificou os laços familiares que tornaram-se exclusivamente sentimentais —; e na era Moderna, a concepção de adolescência estava disseminada no meio social, designando um período curto de transição entre a infância e a idade adulta; “um encurtamento da infância e um alongamento da velhice” (Coutinho, 2009, p. 50) com peso para as descobertas, experiências e privação de riscos. O discurso sobre o adolescente é que se trata de uma fase difícil de relacionamento, muitas mudanças, angústias e inseguranças, e de difícil compreensão pelos adultos.

As relações sociais passam pelas representações de poder e de papéis sociais. “A relação de poder existe na medida em que algumas definições da situação são mais legítimas do que outras, e essa legitimidade é a resultante de quem tem o poder de propor e sustentar a definição” (Gastaldo, 2008, p. 150), como propuseram Goffman (1967) e Durkheim (2002). A despeito de todas as discussões empreendidas no campo das humanidades — como questões de raça, gênero, sexualidade, classes sociais, autoridade, controle social, entre outras —, o debate avança lentamente para amenizar desigualdades e oferecer uma estrutura social equilibrada. O discurso de poder atravessa esses temas na série porque refere-se ao vexame, à vergonha e ao embaraço, que são formas fundamentais de coerção social. Durkheim (2002) coloca a vergonha e o medo do ridículo como punições diretas; perde-se a “face”: “o trabalho de face é o esforço que cada um de nós faz para manter-se à altura da dignidade que projetamos sobre nós mesmos, à altura do tratamento que acreditamos merecer por parte dos outros” (Gastaldo, 2008, p. 151). Na série, a vergonha sobre os códigos está refletida no discurso e nas atitudes dos adultos por total desconhecimento, e no dos adolescentes, por não compreenderem as consequências do discurso de poder imbuído nas interações. Jamie repete muitas vezes *“Eu não fiz nada de errado, não é?”*. A ausência de letramento midiático e digital seria um fator para a vulnerabilidade psíquica.

O discurso sobre a escola também é assumido num interdiscurso. A escola é uma instituição social responsável por transmitir conhecimentos e regras, e de desenvolver habilidades para a formação dos indivíduos e à atuação em sociedade. Para Durkheim (2002), a educação é uma forma chave para a socialização, transmitindo valores comuns e que, ao mesmo tempo, contribui para

reproduzir desigualdades por meio do individualismo competitivo, sem desenvolver o senso crítico da ordem social. As críticas sobre o sistema educacional refletem uma estrutura consolidada, compulsória, burocrática, limitadora e lenta para acompanhar as mudanças promovidas pela tecnologia, e insuficientemente hábil para debater o que acontece nas escolas e fora dela. A educação fundamental voltada exclusivamente para estatísticas de desempenho acadêmico não tem espaço na grade horária para discussões sobre o indivíduo na sociedade, nos relacionamentos e no curso da vida. Quando os inspetores visitam a escola de Jamie e Katie para interpelar os estudantes — na busca de informações sobre o crime —, comentam sobre a toxicidade do ambiente escolar, como se sentiam desajustados a ele e a sensação de que nada havia mudado até aquele momento. No entanto, a educação não deveria ser um campo separado da sociedade, uma vez que exerce papel na reprodução cultural da sociedade e em suas desigualdades. As questões sociais — incluindo as interações pessoais e virtuais — deveriam constar no currículo escolar.

A cibercultura — a cultura da tecnologia midiática digital vigilante — perpassa toda a narrativa; as telas são onipresentes. O *smartphone* tornou-se uma extensão humana para a memória, o planejamento, as transações comerciais e financeiras, os relacionamentos, o trabalho, a vida social, o entretenimento, o consumo de narrativas, informações e pornografia, bem como para a manutenção de grupos que cultivam crenças filosóficas, religiosas e políticas. A origem das imagens — que provam o crime de Jamie — advém das câmeras de segurança, que vigiam a cidade 24/7 e a motivação vem das fotos e emojis publicados nas redes sociais; a imagem reproduzida nas telas representa a verdade. A cibercultura está incorporada à contemporaneidade já incutida nos modos de falar, pensar e se movimentar; ela modula a sociedade constituindo o pilar do sistema econômico atual. A questão é que por estar ao alcance das mãos de todas as pessoas, seus usos e apropriações geram preocupação legítima sobre a disseminação de discursos de ódio e de notícias falsas com objetivo de manipulação e estimulação a crimes e infrações que impliquem o direito à vida, ou que desrespeitem as individualidades humanas. O *cyberbullying* — como apresentado na série —, é tópico recorrente na vida das crianças e adolescentes, provocando desequilíbrio emocional e traumas profundos. A recente proibição dos usos de telefones em salas de aula tem como um dos seus objetivos amenizar o problema. No entanto, a prática é continuada fora da escola e o constrangimento desproporcional e gratuito segue sem advertências até a ocorrência de casos graves, como o retratado pela série.

3.3 Assuntos silenciados

Na AD, aquilo que não é vocalizado — as palavras não ditas — é usado para criar significado e moldar a realidade social. O silêncio para Orlandi (1999) é um elemento do discurso e pode manifestar-se de diversas formas

como: a) Silêncio Comum, que é o interdito comum, necessário para que a comunicação se estabeleça; b) Silenciamento, quando um agente impede o outro de falar, produzindo um silêncio forçado; c) Silêncio cúmplice, que mesmo sem um ato direto torna-se cumplicidade com a intenção de silenciar; e d) Silêncio presença, que quando silenciado o sujeito se torna mais presente deixando vestígios de um espaço de significação que não está vazio.

Na narrativa analisada, a forma de Silenciamento é uma variável que não se manifesta, porque todos gostariam de conhecer os fatos e as motivações. Jamie não diz que esfaqueou Katie, mas as imagens revelam. Eddie não revela que desconhece as atividades do filho e acredita nele até a exposição da cena. A melhor amiga de Katie na escola se nega a falar sobre sua relação, do mesmo modo que o amigo de Jamie que teria lhe dado a faca. O professor que Jamie aponta como seu preferido está sempre atrasado para as aulas e passa os vídeos ao invés de promover uma aula expositiva e dialogada. A diretora da escola transmite a função de acompanhar os inspetores pela escola para uma professora. A psicóloga é interpelada pelo vigia do centro de custódia, que indica no seu discurso que por olhar as câmeras ele teria mais capacidade de redigir o laudo, mas ela silencia. O pai interpela os jovens que pixaram sua van, mas eles não respondem. Os interdiscursos incorporados dos discursos dominantes calam os personagens sobre as responsabilizações sobre o crime e o silêncio impõe-se por ignorância dos fatos, do medo da vergonha, da cumplicidade nas infrações e no crime, e da cumplicidade na manutenção do *cyberbullying*. O silêncio permite o desdobramento das interpretações sobre a participação de cada personagem e as reações emocionais individuais e coletivas. No episódio em que o pai tenta “apagar” com tinta a frase difamatória pixada em sua van, percebe-se na interação com o vendedor da loja que o silêncio de Jamie poderia ter criado centenas de versões do crime, inclusive, uma que justificaria e inocentaria seu filho. Apesar da custódia e do sigilo policial, a vida de sua família estava exposta, tanto nas redes quanto nas ruas.

4. CONCLUSÃO

Para a Sociologia, os códigos semânticos de discursos são fruto da cultura, do ambiente, das tecnologias disponíveis, do modo de vida, da organização familiar, de orientações religiosas e do modelo socioeconômico. Por esse motivo, os pais sempre tiveram e continuarão tendo dificuldades em compreender a linguagem dos adolescentes, independentemente das tecnologias que estejam disponíveis. Esse código pode ser expresso pelo repertório gestual, vestimenta, linguagem, acessórios ou postura. Porém, esse discurso sobre a adolescência — de que são irreconhecíveis e que vivem num mundo paralelo — precisa ser quebrado. É preciso pensar como desmistificar essa fase e tornar os adultos responsáveis por oferecerem recursos internos

para aprenderem a lidar com emoções, sentimentos e interações sociais, porque essas interações acontecem em sua maioria no ambiente digital; os adultos deveriam protegê-los. O ambiente virtual não foi planejado para crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento emocional, mental e social, portanto, não podemos abandoná-los em frente às telas sem regras de segurança ou privacidade.

O ambiente digital é potencializador de riscos ao exercício de direitos e ao bem-estar de crianças e adolescentes expostos virtualmente. As inovações devem ser acompanhadas pela constante atualização de políticas públicas que tenham como objetivo regular o ambiente digital; a democratização do acesso à rede deve considerar a potência dos conteúdos de desinformação, racistas, violentos e de teor comercial. Como apresentado na série “Adolescência”, sempre haverá formas de *hackear* o sistema criando significados para códigos de uso generalizados — como no caso dos emojis operando como estratégia de *cyberbullying* — e, por isso, a necessidade cada vez maior de investimentos em letramento digital e educação midiática.

O Brasil realizou uma consulta pública na plataforma Participa + Brasil sobre o “uso de telas por crianças e adolescentes” que resultou na publicação do “Guia sobre Usos de Dispositivos Digitais”, em março de 2025 pela Secretaria de Políticas Digitais da Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SPDigi/SECOM/PR) (Crianças [...], 2025). Com informações de usos de telas e preferências de redes sociais, o guia esclarece sobre idades adequadas para acesso a mídias e conteúdos, a necessidade de mediação familiar, usos de jogos digitais, sinais de alerta sobre uso excessivo de dispositivos, canais de denúncia etc. No Brasil, 44% das crianças com até 12 anos possuem celular próprio e as plataformas preferidas são YouTube (67%), WhatsApp (49%), YouTube Kids (44%) e TikTok (42%); entre 9 e 17 anos, 83% possuem perfil na rede social. A pesquisa TIC Kids Online Brasil (2021) mostrou que nesta faixa etária, 44% procuraram fazer novos amigos pela internet e 19% adicionaram pessoas que não conheciam em seus perfis. As redes sociais foram o principal meio (28%), pelo qual adolescentes de idades entre 11 e 17 anos tiveram contato com desconhecidos e como segundo meio os jogos online (15%).

De acordo com a classificação de riscos do projeto *Children Online: Research and Evidence* (CO.RE, [2025]), em relação à posição da criança, os riscos podem ser de: conteúdo, contato, conduta e contrato; quanto à natureza, os riscos podem ser de valores, agressivos ou sexuais. A classificação considera os riscos transversais envolvendo violações de privacidade, saúde física e mental, desigualdades e discriminação, conforme o quadro 1 abaixo.

Quadro 1: CO.RE: Classificação de riscos online para crianças e adolescentes

Tipos de riscos	CONTEÚDO A criança ou o adolescente se envolvem ou são expostos a conteúdos potencialmente danosos.	CONTATO A criança ou o adolescente vivenciam ou são alvo de contatos potencialmente danosos de adultos.	CONDUTA A criança ou o adolescente testemunham, participam ou são vítimas de condutas potencialmente danosas entre pares.	CONTRATO A criança ou o adolescente são parte de ou são explorados por um contrato potencialmente danoso.
Agressivo	Violento, sangrento, explícito, racista, odioso ou informação e comunicação extremista.	Assédio, perseguição (<i>stalking</i>), ataques de ódio, vigilância indesejada ou excessiva.	<i>Cyberbullying</i> , comunicação ou atividade de ódio ou hostil entre pares, como trollagem, exclusão, ato com o intuito de causar constrangimento público.	Roubo de identidade, fraude, <i>phishing</i> , golpe, invasão e roubo de dados, chantagem, riscos envolvendo segurança.
Sexual	Pornografia (danosa ou ilegal), cultura da sexualização, normas opressivas para a imagem corporal.	Assédio sexual, aliciamento sexual, sextorsão, produção ou compartilhamento de imagens de abuso sexual infantil.	Assédio sexual, troca não consensual de mensagens sexuais, pressões sexuais adversas.	Tráfico para fins de exploração sexual, transmissão de conteúdo pago de abuso sexual infantil.
Valores	Informação incorreta/ desinformação, publicidade imprópria para idade ou conteúdo gerado pelos usuários.	Persuasão ou manipulação ideológica, radicalização e recrutamento extremista.	Comunidades de usuários potencialmente danosas, como automutilação, antivacinação, pressões adversas entre pares.	Jogos de azar, filtro bolha (filtro de seleção de conteúdos por semelhanças), microsegmentação, padrões ocultos de design modelando a persuasão ou a compra.
Transversais	Violações de privacidade (interpessoal, institucional e comercial). Riscos para a saúde física isolamento, ansiedade). Desigualdades e discriminação (inclusão/exclusão, exploração de vulnerabilidades, viés dos algoritmos/análise preditiva)			

Fonte: Livingstone e Stoilova (2021). Traduzido por SaferNet Brasil, Cetic.br e Nic.br.

O CO.RE aponta a necessidade de educação midiática e letramento digital e ressalta que embora os riscos existam, nem todo adolescente vai estar exposto da mesma forma. Características individuais como gênero, idade, traços de personalidade, frequência e uso de mídias podem modelar as experiências de cada um. Portanto, tanto crianças quanto adolescentes, e, principalmente adultos, precisam desenvolver habilidades requeridas para a utilização dos meios digitais sem riscos de ordem física ou psicológica.

Apesar das regulações sobre as atividades digitais estarem sendo discutidas há 30 anos, a questão que envolve os impactos e riscos de usos de telas, mídias sociais e de outras tecnologias por adolescentes e crianças não tem uma resposta simples e direta, e deve-se evitar conclusões simplistas e precipitadas. O ecossistema da comunicação contemporânea compreende múltiplas finalidades e interesses que devem ser sobrepesados nas discussões sobre as regulações para que possam reduzir riscos e danos para crianças e adolescentes no futuro.

A análise desenvolvida sobre a série “Adolescência” evidencia a necessidade de se promover a educação midiática como eixo fundamental do debate contemporâneo. A narrativa mostra adolescentes e adultos atravessados por códigos digitais incompreensíveis, revelando como a ausência de letramento midiático amplia vulnerabilidades psíquicas, sociais e institucionais.

Emojis, posts e interações virtuais funcionam como linguagens cifradas que adultos e adolescentes não conseguem decodificar sem noção das consequências. Esse desencontro geracional — apontado como um problema de escuta e interpretação entre gerações — expõe como a sociedade ainda não desenvolveu ferramentas educativas eficazes para lidar com o digital.

A série não dramatiza uma trama policial, mas atua como metáfora das lacunas da escola e da família na preparação crítica de jovens frente às mídias digitais. Ao destacar o *cyberbullying*, a misoginia nos códigos da manosfera, a estetização tóxica nas redes sociais e os silêncios cúmplices das instituições e interações, a análise evidencia uma política sistemática de letramento midiático e informacional, que poderia fornecer aos adolescentes recursos para compreender, interpretar e resistir a tais discursos. A relevância pública do tema é inegável, tanto para o debate acadêmico quanto às políticas públicas, bem como à cidadania digital: o ambiente digital tornou-se espaço central de socialização, mas também de manipulação, violência simbólica e riscos à saúde mental.

Para que o debate seja ampliado, a análise ilustra a urgência de incorporar a educação midiática como prática pedagógica e política, pois sua ausência perpetua desigualdades, fragiliza o debate democrático e deixa adolescentes e adultos desarmados diante de discursos que circulam em redes digitais — questão central para o debate público contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Discurso, ficção e realidade. A construção do “real” e do “ficcional”. In: FIGARO, Roseli (org). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2015.

BALBANI, A. P. S.; KRAWCZYK, A. L. Impacto do uso do telefone celular na saúde de crianças e adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 430-436, set. 2011. Disponível em: [scielo.br/j/rpp/a/CQxCtryhkrW6GdqgKPVLZ4v/?format=pdf&lang=pt](https://doi.org/10.1593/rpp.10001). Acesso em: 18 nov. 2025.

CARR, Nicholas. **Geração superficial**: o que a internet está fazendo com nossos cérebros. Rio de Janeiro: AGIR, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação, as pontes da linguagem. **Revista Comunicação Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 16, n. 46, p. 314-332, maio/ago. 2019, p. 314.

CO.RE. 2025. Disponível em <https://core-evidence.eu>. Acesso em: 1 mai. 2025.

COUTINHO, Luciana. **Adolescência e errância**: destinos do laço social no contemporâneo. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2009.

CRIANÇAS, adolescentes e telas Guia sobre usos de dispositivos digitais. Brasília, DF: SECOM/PR, 2025. [guia-de-telas_sobre-usos-de-dispositivos-digitais_versaoweb.pdf](https://www.mcti.gov.br/pt-br/secretaria-de-comunicacao-social-e-atividades-pedagogicas/guia-de-telas_sobre-usos-de-dispositivos-digitais-versaoweb.pdf). Acesso em: 17 nov. 2025.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EYAL, Nir. **Hooked (engajado)**: Como construir produtos e serviços formadores de hábitos. Cascavel, PR: AlfaCon, 2020.

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (o caso Schreber), artigos sobre técnica e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas, v. 10).

GASTALDO, Edson. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 68, out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbc soc/a/GSnnXYtjYwVXYpLLkDWRW4w/?lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2025.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual**. Garden City, New York: Doubleday, 1967.

HAIKT, Jonathan. **A Geração ansiosa:** como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

LINDSTROM, Martin. **Buy.ology:** truth and Lies About why we buy. New York: Randon House Inc., 2008.

LIVINGSTONE, Sonia; STOILOVA, Mariya. LIVINGSTONE, Sonia; STOILOVA, Mariya. **The 4Cs:** Classifying Online Risk to Children: CO:RE Short Report Series on Key Topics. Hamburg: Leibniz-Institut für Medienforschung Hans-Bredow-Institut (HBI), 2021. DOI: <https://doi.org/10.21241/ssoar.71817>.

MUSSE, Mariana Ferraz. **Narrativas fotográficas no Instagram:** autorrepresentação, identidades e novas sociabilidades. Florianópolis: Insular, 2017.

ORLANDI, Eni Pontes. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 19, n. 2, jul./dez. 2014, p. 17.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE METROLOGIA. **O novo Sistema Internacional de Unidades (I)**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Metrologia; Sociedade Brasileira de Física, 2019. Disponível em: https://metrologia.org.br/wpsite/wp-content/uploads/2019/07/Cartilha_O_novo_SI_29.06.2029.pdf. Acesso em: 26 abr. 2025.

TIC Kids Online Brasil. **CETIC.br**, 2021. Disponível em <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/> Acesso em: 24 nov. 2025.

TWENGE, Jean. **iGen:** porque as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a idade adulta. São Paulo: nVersos, 2018.